

# Encontros com Licia do Prado Valladares: biografia, trajetória acadêmica e reflexões metodológicas sobre o seu trabalho de campo na Rocinha em 1967-1968

*Meetings with Licia do Prado Valladares: biography, academic trajectory and methodological reflections on her fieldwork in Rocinha in 1967-1968*

## **Juliana Blasi Cunha**

*Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência em pesquisa na área de Antropologia, com ênfase em antropologia urbana. É integrante do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS/UFRJ) e do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC/FFLCH/USP). Foi professora substituta na Universidade Federal Fluminense e, desde de 2016, realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP), na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), com bolsa PNPd-Capes. Em 2018 e 2019 foi investigadora convidada no ISCTE-IUL (Lisboa), realizando parte de sua pesquisa de pós-doutoramento.*

## **Licia do Prado Valladares**

*Doutora em Sociologia, pela Université de Toulouse I (Sciences Sociales), e Habilitation à diriger des Recherches, pela Université de Lyon 2. Possui graduação em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fundadora do Urbandata e professora emérita da Universidade de Lille, tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em sociologia urbana, atuando principalmente nos temas: favela, pobreza urbana, história da pesquisa urbana no Brasil, Rio de Janeiro e política habitacional no Brasil.*

## **Wania Amélia Belchior Mesquita**

*Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/SBI. Possui pós-doutorado/estágio sênior da Capes no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Urbanas e Regionais (Gepur), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e participante do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (Cevis) e do Dinâmicas Territoriais, Cultura e Religião (DT-CRELIG). Integrante Rede de Etnografia Urbana (Etno.Urb).*

## Luciane Soares da Silva

*Professora associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, concluiu mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com pesquisa sobre a lei antirracismo e seus impactos no Rio Grande do Sul. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pesquisa de doutorado Funk para além da festa: um estudo sobre disputas simbólicas e práticas culturais na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente é presidente da Associação de Docentes da Uenf e chefe do Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado (Lesce).*

### Resumo

Quase cinquenta anos após seu precursor trabalho de campo na Rocinha, Licia do Prado Valladares revisitou memórias, diários de campo e fotografias, abordando as relações com seus interlocutores, negociações, erros e dúvidas de seu primeiro trabalho de campo. Em uma palestra no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense em abril de 2016, a partir das memórias dessa experiência passada, Licia elaborou algumas reflexões metodológicas em que buscou destacar que as informações que se constroem dependem, no final das contas, do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolve com o grupo pesquisado. Pouco tempo após essa palestra, realizamos uma entrevista com a autora sobre sua biografia e, posteriormente, o nosso diálogo se aprofundou no decorrer de mais quatro encontros, resultando no presente artigo. O texto aborda, portanto, aspectos da biografia da autora, o contexto de produção de sua pesquisa e, através da transcrição de parte de sua palestra, as reflexões sobre a relação estabelecida por ela com seus interlocutores.

**Palavras-chave:** Método Etnográfico, Favela, Trajetória, História dos Estudos Urbanos no Brasil.

### Abstract

Almost fifty years after her pioneering fieldwork in Rocinha, Licia do Prado Valladares revisited memories, field journals and photographs, addressing the relationships with her interlocutors, negotiations, mistakes and doubts of her first field work. In a lecture in the Political Sociology Postgraduate Program at the State University of Northern Rio de Janeiro, in April 2016, from the memories of this past experience, Licia elaborated some methodological reflections in which she sought to emphasize that, in the end, the constructed information depends on the behavior of the researcher and on the relations developed with the researched group. Shortly

after this lecture, we conducted an interview with the author about her biography, and later our dialogue deepened in the course of four more meetings, resulting in this article. The text therefore addresses aspects of the author's biography, the context of her research production and, through the transcription of part of her lecture, the reflections on the relationship established by her with her interlocutors.

**Keywords:** Ethnographic Method, Favela, Trajectory, History of Urban Studies in Brazil.

## INTRODUÇÃO

Convidada a ministrar uma palestra no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense (PPGSP/Uenf), Licia do Prado Valladares<sup>1</sup> se propôs a apresentar reflexões metodológicas a partir das memórias de seu trabalho de campo realizado em 1968, na Rocinha. Na ocasião dessa palestra, em abril de 2016, Licia proporcionou aos alunos e professores uma instigante apresentação, na qual abordou aspectos de sua biografia e de sua experiência de iniciação em pesquisas empíricas. Logo no início de sua comunicação, a pesquisadora agradeceu a oportunidade de repensar o passado e, em suas palavras, “de me ver, quase cinquenta anos depois, como uma outra pessoa”. De maneira entusiasmada, mas não menos crítica, ao longo da exposição ela tratou de alguns dos impasses, negociações, erros e acasos vivenciados em seu trabalho de campo. Licia buscou em sua exposição repensar também alguns aspectos de sua vida pessoal e, mais detidamente, o tipo de relação estabelecida entre ela e seus interlocutores.

<sup>1</sup> Licia é graduada em Sociologia e Política pela PUC-Rio (1967), doutora em Sociologia pela Université de Toulouse I (1974) e HDR (Habilitation à Diriger des Recherches) pela Université de Lyon 2 (2001). Licia foi professora do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, da Universidade Candido Mendes (Iuperj/Ucam), e professora visitante no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Como professora visitante esteve ainda na Brown University, na University of Texas at Austin, na École Pratique des Hautes Études e nas universidades de Nanterre, Tours e Créteil. Além disso, foi coordenadora brasileira do acordo CNPq-CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), coordenado do lado francês por Edmond Préteceille, com quem Licia veio a se casar em 2005. Atualmente é professora emérita da Université des Sciences et Technologies de Lille e pesquisadora visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Licia do Prado Valladares é autora de, no mínimo, duas obras consideradas referências fundamentais aos estudos de sociologia e antropologia urbana no Brasil: *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro* (1978) e *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com* (2005). A pesquisadora é também fundadora do Urbandata-Brasil<sup>2</sup>, colaboradora do acordo Capes-Cofecub<sup>3</sup> e responsável por uma importante produção acadêmica brasileira e internacional dedicada aos temas da favela, pobreza urbana, política habitacional e história da pesquisa urbana no Brasil.

Após a palestra da pesquisadora no PPGSP/Uenf, marcamos uma entrevista a fim de aprofundar alguns aspectos de sua biografia e trajetória acadêmica que haviam sido brevemente mencionados em sua comunicação. Dessa primeira entrevista realizada em seu apartamento no Rio de Janeiro decorreu uma série de outros encontros com Licia do Prado Valladares. Os quatro primeiros encontros aconteceram em seu apartamento no Rio de Janeiro, e o último deles em Paris, onde a pesquisadora reside, atualmente, durante metade do ano. Nesses encontros, Licia nos recebeu e apresentou suas duas bibliotecas, onde, sempre recorrendo a livros e pastas de seu arquivo privado, conversamos detidamente sobre sua biografia e trajetória acadêmica no Brasil e na França.

No primeiro dos nossos encontros no Rio de Janeiro, seguimos um roteiro de questões que elaboramos sobre aspectos de sua biografia, e a entrevista foi registrada em áudio. As quatro conversas seguintes não foram gravadas e tiveram longa duração, estendendo-se entre almoços e lanches da tarde. No nosso último encontro antes do encerramento da textualização desse artigo, realizado em Paris, conversamos ao longo de três dias em seu apartamento. Nesta oportunidade, dialogamos sobre sua trajetória na França, os cursos ministrados na Universidade de Lille, o acordo Capes-Cofecub e ainda sobre algo que, no

<sup>2</sup> Criado por Licia do Prado Valladares em fins da década de 1980, o Urbandata-Brasil (Banco de Dados sobre o Brasil Urbano) é um cadastro de instituições, pesquisadores e publicações sobre o Brasil Urbano.

<sup>3</sup> O acordo entre Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Cofecub (Comité Français d'Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil) é um importante convênio de colaboração entre instituições de ensino brasileiras e francesas que promoveu um intenso e produtivo intercâmbio de professores e alunos dos dois países, para o qual muito contribuíram os professores da Universidade Federal Fluminense (UFF) Roberto Kant de Lima e Marco Antônio da Silva Mello. O artigo abordará esse acordo na sua segunda parte.

momento, lhe desperta grande motivação: a pesquisa de arquivos que realizou nas universidades de Chicago e Fisk sobre Robert Ezra Park e que deu origem ao livro por ela recém-lançado (VALLADARES, 2017).

Nessas conversas, tínhamos sempre algumas questões em mente a serem aprofundadas, que surgiam como lacunas ao longo do processo de escrita do artigo. Para além das perguntas e questões que levávamos para os encontros, Licia, de forma muito interessada, sempre surgia com alguma lembrança de fatos ou passagens importantes para serem acrescentados ao trabalho. É interessante destacar que não estiveram presentes em todos os encontros as três pesquisadoras que realizaram a primeira entrevista com Licia. O texto final apresentado nesse artigo, no entanto, foi discutido com todos que o assinam, incluindo a própria Licia do Prado Valladares, que se tornou também autora. Além de ser a autora da palestra, em grande parte transcrita na terceira seção deste artigo, Licia acabou, ao longo dos nossos encontros, por discutir conosco o presente trabalho.

Dessa forma, o artigo apresenta uma seleção das principais reflexões metodológicas feitas na palestra por Licia do Prado Valladares sobre suas memórias do trabalho de campo que realizou na Rocinha em 1968. Antes de passar às reflexões metodológicas da pesquisadora sobre esta sua experiência, o artigo aborda, na seção a seguir, alguns pontos relevantes da sua biografia e trajetória acadêmica no Brasil e na França. Com isso, o artigo tem como objetivo contribuir para a compreensão do contexto de produção de sua obra e fornecer elementos que possam, em alguma medida, colaborar para pensar a história da formação e consolidação do campo de estudos urbanos no Brasil.

## **BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO BRASIL E NA FRANÇA**

Licia do Prado Valladares nasceu na Bahia, onde viveu sua infância e adolescência, até ir para o Rio de Janeiro, com 18 anos, estudar Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica (PUC). A pesquisadora é filha de mãe norte-americana e pai baiano, que se conheceram no Brooklyn Museum, em

Nova York. A mãe de Licia era filha de judeus húngaros, que migraram para os EUA entre as duas guerras mundiais. Licia nos contou com orgulho que sua mãe era antropóloga formada na Columbia University, onde foi aluna de nomes como Margaret Mead e Ruth Benedict. O pai, advogado, havia sido aluno de Gilberto Freyre e assumira o cargo de diretor do Museu do Estado da Bahia. Sem formação específica na área, e por sugestão de Melville Herskovits<sup>4</sup>, ele decidira ir para Nova York estudar museologia no Brooklyn Museum, onde acabou conhecendo sua futura esposa.

Após se casarem, seus pais foram morar na Bahia. Licia conta que na hora das refeições em família sempre conversavam em inglês e que, em sua infância, foi em diversas ocasiões ao EUA visitar sua família materna, algumas vezes sozinha, de avião, numa verdadeira aventura para uma criança, pois, na época, faziam-se diversas conexões até atingir o destino final. O pai de Licia morreu quando ela tinha 14 anos e, segundo ela conta, os amigos dele “acolheram e protegeram” sua mãe e irmãs. Dentre esses amigos de sua família, estão nomes como o de importantes artistas plásticos, como Mário Cravo e Carybé, além do renomado romancista Jorge Amado e o ilustre geógrafo Milton Santos. Licia conviveu em sua infância na Bahia com esses importantes personagens da cena artística-intelectual brasileira, participando de saraus e sendo presenteada com livros por esses ilustres convivas de sua família. Em suas próprias palavras: “Filha mais velha de uma família de intelectuais. Sou originária da classe média baiana”.

Mais tarde, alguns desses amigos de seu pai influenciaram ou fizeram valiosas sugestões nos caminhos tomados por Licia no início de sua carreira, como veremos adiante. A pesquisadora conta que seu interesse pelos estudos urbanos fora despertado ainda na sua infância na Bahia, por seu pai e um amigo dele, ninguém menos do que Milton Santos:

O interesse pelos estudos urbanos vem do meu pai, da Bahia, e do Milton Santos, na Bahia também. Porque o Milton Santos era amigo do meu pai. Milton Santos, na época, frequentava minha casa e ele fazia umas excursões pelo interior da Bahia, e eu ia com ele nessas

<sup>4</sup> Herkovits é considerado principal estudioso da África e da Afro-América na antropologia norte-americana na primeira metade do século XX.

excursões. [...] O meu pai também fez um livro, um livro não, uma reportagem chamada “Conhece tua cidade”, que saiu na Bahia no jornal *A Tarde*. Em “Conhece tua cidade” ele fotografava, com aquelas máquinas antigas de fotografia, [...] casarões baianos que não eram patrimônio histórico, que não tinham sido tombados, e ele descobria um pouco da história daqueles casarões. Inclusive, depois que ele faleceu, a Norberto Odebrecht publicou um primeiro livro da coleção chamado *Homenagem à Bahia antiga*, que tem os casarões que o meu pai fotografou (VALLADARES, 2013, p. 8).

Após a infância na Bahia, Licia partiu para o Rio de Janeiro para fazer vestibular a fim de estudar Ciências Sociais. A Universidade da Bahia, criada em 1947, ainda não tinha a tradição das universidades do Rio de Janeiro e, segundo ela nos contou, era comum que os jovens das famílias que dispunham de recursos migrassem para o Rio de Janeiro para estudar. O ano era 1964, e nas palavras de Licia: “Lembro que cheguei ao Rio nas vésperas do Golpe. Eu assisti ao comício do dia 31 de março com o presidente João Goulart”. Licia queria “fazer o Itamaraty para salvar o Brasil” e, para tal, primeiro teria que estudar Ciências Sociais. Licia preferiu a PUC à Universidade do Brasil, atual UFRJ, pois lá, segundo ela, “o clima era de maior liberdade”, uma vez que os professores não haviam sido cassados pela ditadura. Dentre alguns de seus colegas de turma estavam Sérgio Miceli, Lygia Sigaud, Madalena Diégues e Alice de Paiva Abreu.

O curso de Ciências Sociais na época era um curso bastante teórico, no qual, segundo Licia: “A gente discutia muito Durkheim, Weber e Marx... O marxismo estava muito em voga na época nesses cursos”. O contato de Licia do Prado Valladares com os autores brasileiros deu-se através do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, onde Licia trabalhou escrevendo resumos dos livros para as fichas de sua importante biblioteca. A jovem estudante fora convidada para ali trabalhar por Manuel Diégues Júnior, destacado cientista social brasileiro, então diretor do centro. Em uma de nossas conversas, a pesquisadora lembra que Manuel Diégues Júnior havia sido colega do seu pai, ambos sob o comando de Gilberto Freyre. Licia nos contou que foi na biblioteca do Centro Latino-Americano de Pesquisas em

Ciências Sociais, enquanto escrevia os inúmeros resumos das obras que lia, de lhe veio à mente, pela primeira vez, a ideia da criação do futuro Urbandata.

Após ingressar no curso de Ciências Sociais, Licia logo desistiu do projeto de entrar no Itamaraty para “salvar o Brasil”. Seu interesse por temas ligados ao mundo urbano crescia e, aos poucos, foi se destacando entre os caminhos seguidos pela então jovem pesquisadora. No entanto, não havia sociologia empírica no curso de Ciências Sociais da PUC, basicamente voltado para a discussão teórica, em termos mais gerais, dos destinos do Brasil e da América Latina: “Não havia curso de metodologia qualitativa nem de métodos em ciências sociais. A Escola de Chicago então não existia para nós”. Licia conta, no entanto, que nessa época:

O Rio de Janeiro era, então, dirigido por Carlos Lacerda. Vi a destruição da favela do Pasmado e a construção do Aterro do Flamengo. Passava de ônibus todos os dias, pois ia do centro da cidade à Gávea, onde estava situada a PUC. Do Pasmado os moradores foram removidos para distante, para a Vila Kennedy e Vila Aliança, situadas na Zona Oeste do Rio.

A essa impactante situação, somou-se ainda o fato de que, da janela da sala de aula na PUC, o Parque Proletário da Gávea saltava aos seus olhos. A vista para o Parque Proletário inquietava a jovem estudante, pois contrastava muito com a teoria que estava sendo discutida naquelas salas de aula. Tais experiências, segundo nos descreveu Licia, foram despertando nela o desejo de fazer pesquisa com a população da favela. Não demorou muito para que ela recebesse um convite para integrar uma pesquisa de Carlos Alberto de Medina sobre religião e favela. Carlos havia trabalhado com o padre Lebret e com José Arthur Rios na pesquisa da Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (Sagmacs)<sup>5</sup> e, nessa

<sup>5</sup> A Sagmacs foi fundada em julho de 1947, vinculada ao Centre d'Économie et Humanisme, organismo fundado por Lebret na França em 1941. O estudo realizado pela Sagmacs, intitulado “Aspectos humanos da favela carioca”, foi um marco histórico da realização de pesquisa sobre favelas, combinando uma abordagem qualitativa e quantitativa do tema. Para mais sobre a Sagmacs e o padre Lebret, ver a coletânea de artigos, fruto do seminário, *Favelas cariocas: ontem e hoje* (Mello, 2012). O artigo de Licia publicado nessa coletânea é fruto de entrevistas realizadas com José Arthur Rios, que, segundo ela, mostrou-se um verdadeiro “gentleman”.

ocasião, trabalhava no Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (Ceris). Em sua palestra no PPGSP/Uenf, Licia destacou:

Foi no Centro Latino-Americano que conheci aquele que viria a ser o meu professor de pesquisa, na pesquisa que fiz na Rocinha: Carlos Alberto de Medina, hoje falecido. Foi com ele que me iniciei na pesquisa empírica e na observação participante. Foi com ele que aprendi que pesquisa se aprende fazendo, acertando e errando, na base do ensaio e do erro. Aprendi muito a partir dos erros que cometi, como veremos mais adiante.

Licia conhecera Carlos Alberto de Medina quando trabalhava na biblioteca do Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais. Medina soube do seu interesse em desenvolver pesquisa empírica em favelas e, dessa forma, convidou-a a participar desse trabalho sobre religião na favela. A jovem pesquisadora cursava o quarto ano de sua graduação na PUC e, após uma experiência fracassada em iniciar seu trabalho de campo na extinta favela da Catacumba, resolveu pesquisar religião na Rocinha. O fruto dessa pesquisa é um relatório, publicado junto com Carlos Alberto de Medina, do qual a autora possui uma cópia mimeografada em seu apartamento no Rio de Janeiro. A experiência de campo e a redação do relatório coincidem com o término da sua graduação na PUC. É dessa experiência ao longo dos nove meses em que morou na Rocinha nos anos de 1967 e 1968 que nos falou Licia em sua palestra no PPGSP/Uenf, apontando importantes reflexões de caráter metodológico.

Terminada a sua graduação na PUC do Rio de Janeiro, Licia do Prado Valladares optou por realizar seus estudos de pós-graduação no exterior e, ainda que tivesse parentes maternos no EUA, escolheu ir para a França. Nesse momento, existiam no Brasil apenas duas pós-graduações ligadas às ciências sociais: a do Museu Nacional, da UFRJ, e a da Escola Livre de Sociologia e Política, da USP. Quando por nós perguntada sobre seu domínio da língua francesa, Licia recordou que, em sua infância na Bahia, além das conversas em família durante as refeições serem sempre em inglês, ela também estudou francês com uma senhora que lhe dava aulas.

Licia conseguiu uma bolsa da embaixada da França de cooperação técnica com o Brasil. Enquanto aguardava por sua bolsa, a jovem pesquisadora trabalhou por sete meses em um projeto na Venezuela com Milton Santos. Foi também através do geógrafo que a pesquisadora tomou conhecimento do trabalho de Raymond Ledrut, seu futuro orientador em Toulouse. Licia dava então os primeiros passos de sua trajetória acadêmica na França, consolidada posteriormente quando tornou-se professora da Universidade de Lille.

Com a bolsa do governo francês, Licia fez o primeiro ano do doutorado na França e depois voltou para o Brasil, com ainda mais um ano para se ocupar como quisesse. O ano que passou no Brasil foi aquele em que fez o trabalho de campo na Cidade de Deus, pesquisando como se deu o processo de remoção dos moradores para aquele conjunto habitacional. Tal pesquisa resultou na sua tese de doutoramento e no livro *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Quando chegou no Brasil, ela tentou inicialmente retomar o seu antigo trabalho de campo na Rocinha, mas lá acabou sendo levada por Zé da Joia à Cidade de Deus. Em suas palavras:

Zé da Joia morava na Rocinha e ele conhecia pessoas que tinham ido para a Cidade de Deus da Rocinha. Então eu fui com ele de carro [...] para a Cidade de Deus pela primeira vez. E quando chegamos na Cidade de Deus, eu vi as placas: “Passa-se uma casa”. Eu disse assim: “O que é isso? Passa-se uma casa?”. Então eu descobri que os moradores da favela estavam voltando para a Rocinha, para outros lugares, e vendiam suas casas [...]. Eu conheci uma primeira pessoa que o seu Zé da Joia me apresentou e, através dessa pessoa, eu fui estendendo a minha teia de relações (VALLADARES 2013, p. 21).

Na palestra de 2016, Licia fez questão de marcar a diferença entre esse trabalho de campo de seis meses que realizou na Cidade de Deus e o que fizera anteriormente, por nove meses, na Rocinha. A diferença estaria no fato de que, na Cidade de Deus, apesar de ir diariamente ao conjunto habitacional ao longo de seis meses, ela não teve a experiência de morar *in loco*. Tal fato

parece decisivo para que Licia defina seu trabalho de campo na Rocinha como uma “experiência de observação participante”<sup>6</sup>.

No ano seguinte, ainda cursando seu doutoramento, após realizar trabalho de campo no Brasil, Licia foi para University College London (UCL). Quando por nós perguntada sobre como se deu essa escolha, a pesquisadora recordou que foi Manuel Diégues Júnior quem lhe fez essa sugestão. Segundo nos contou, ele teria sugerido a Licia que fizesse o curso da antropóloga Ruth Glass, chamado “Urbanization and Urban Studies”, em Londres. No ano seguinte ao trabalho de campo na Cidade de Deus, Licia partiu então para a Inglaterra.

A pesquisadora fez questão de enfatizar o impacto que essa experiência teve em sua trajetória. Foi na biblioteca do Center for Urban Studies da UCL, fundado por Ruth Glass, que Licia entrou em contato com a bibliografia da chamada Escola de Chicago.

Eu trabalhei com a Ruth Glass e foi ela que me fez ler uma bibliografia sobre a Escola de Chicago, porque tinha uma biblioteca do Center for Urban Studies da Inglaterra. O Center for Urban Studies estava situado em uma daquelas casinhas de Gower Street, tinha três andares e no segundo tinha essa biblioteca. A biblioteca era dela, de Ruth Glass, onde tinha todos os livros da Escola de Chicago. E daí que veio meu interesse pela Escola de Chicago (VALLADARES, 2013, p. 19).

É interessante destacar que, quando Licia do Prado Valladares chegou na França, no início da década de 1970, os autores da Escola de Chicago não eram lidos tampouco traduzidos por lá. Naquele período, os pesquisadores franceses que se interessavam por temas urbanos – Jean Lojkin, Edmond Préteceille, Christian Topalov, Manuel Castells, Henri Lefbvre – desenvolviam suas pesquisas à luz da teoria marxista. Somente na década de 1990 houve um movimento consistente de tradução da chamada Escola de Chicago por pesquisadores franceses<sup>7</sup>. O interesse na leitura e tradução desses autores norte-americanos

<sup>6</sup> O uso do termo “observação participante” vem sendo discutido e questionado na antropologia por indicar uma experiência paradoxal, uma vez que a participação total não é conciliável com uma observação intensa.

<sup>7</sup> Anderson (1998) e Foote (1996) são exemplos de autores da Escola de Chicago que foram traduzidos na década de 1990 para a língua francesa.

foi incentivado sobremaneira por Yves Grafmeyer e Isaac Joseph (1979), através da publicação em 1979 da coletânea de textos *L'école de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*.

Quando lhe questionamos se houve alguma crítica de Raymond Ledrut, seu orientador de doutoramento em Toulouse, relacionada às leituras que ela fizera de autores da Escola de Chicago, Licia responde negativamente. A pesquisadora concorda que Ledrut apoiava o movimento de pensar, por exemplo, o papel do Estado no planejamento urbano e dos movimentos sociais a partir da perspectiva estrutural marxista, como era comum naquele período na França. Licia destaca, no entanto, que não teve problemas em relação às suas leituras de Chicago, nem com seu orientador nem com os membros avaliadores da defesa de sua tese<sup>8</sup>.

Após defender sua tese na Universidade de Toulouse I no ano de 1974, Licia voltou para o Brasil e passou um ano e meio trabalhando no Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae)<sup>9</sup>, até que foi convidada para o antigo Instituto Universitário de Pesquisas no Rio de Janeiro (Iuperj)<sup>10</sup>. Segundo ela conta, nessa ocasião, o sociólogo Luiz Antonio Machado da Silva estava saindo temporariamente do “antigo Iuperj” para defender sua tese nos EUA e, então, a convidou para dar o curso de sociologia urbana nessa instituição. Algum tempo depois, Licia foi contratada pelo antigo Iuperj.

O interesse da pesquisadora por metodologia é facilmente percebido nos cursos de métodos de pesquisa qualitativa que ela sempre procurou ministrar como docente ao longo de sua carreira, no Brasil e na França. Tanto

---

<sup>8</sup> A banca avaliadora da tese de Licia foi composta por Raymond Ledrut (orientador), Bernard Kayser, Claude Bataillon e Romain Gaignard.

<sup>9</sup> O Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae) foi criado em 1971 com o propósito de cooperar no planejamento de sistemas educacionais, na organização e no desenvolvimento das escolas, na construção de seus currículos, na formação do professorado e na avaliação do esforço educacional. Em junho de 1990, no entanto, o Iesae foi declarado extinto.

<sup>10</sup> O Iuperj foi fundado em 1969 como departamento de pós-graduação em ciências sociais da Universidade Candido Mendes (Ucam) e consolidou-se a partir de meados da década de 1970 como uma prestigiosa instituição de pesquisa e ensino de ciências sociais no âmbito da pós-graduação no Brasil. No entanto, em 2010, os cursos de pós-graduação ligados ao Iuperj foram descontinuados em consequência da prolongada crise financeira vivida pela instituição nos anos anteriores. As atividades foram completamente interrompidas em meados daquele ano após a transferência do corpo docente e discente para o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

na sua palestra no PPGSP/Uenf como em os nossos cinco encontros seguintes, a chamada Escola de Chicago foi uma referência apontada por Licia como central em sua formação como pesquisadora. No antigo Iuperj Licia ministrou, por exemplo, o curso “A Escola de Chicago: diálogos com a França e com o Brasil”. No programa do curso<sup>11</sup>, consta como objetivo:

Dando continuidade ao curso anterior denominado “A Escola de Chicago: ontem e hoje”, pretendemos agora discutir os diálogos que se estabeleceram entre Chicago e algumas academias. Parece-nos interessante pensar: (a) a influência e a repercussão dessa escola no Brasil, especialmente em São Paulo, nos anos 40 e 50, não apenas entre os alunos da Escola Livre de Sociologia e Política (sendo Donald Pierson a figura-chave), como também entre os urbanistas que pensavam a metrópole; (b) a leitura que hoje fazem os franceses da Escola de Chicago, percebida através das inúmeras traduções e pelo interesse em métodos ligados à pesquisa de campo. Para tanto lançaremos mão de dois corpos de literatura. Por um lado, livros, artigos e teses que nos indicam a influência da escola na realização de pesquisas no Brasil, os caminhos seguidos e propostos por Donald Pierson e seus alunos (como, por exemplo, Oracy Nogueira). Para a discussão sobre o diálogo com a França utilizaremos os prefácios e os posfácios das traduções recentes, assim como textos de Loic J. D. Wacquant, que faz hoje pesquisas comparativas de Chicago com Paris.

Além de demonstrar o interesse de Licia pela Escola de Chicago e pelas suas propostas metodológicas, com forte ênfase no trabalho de campo, a ementa deste curso coloca em destaque as preocupações teóricas da pesquisadora sobre a recepção da escola na França e no Brasil. O interesse pelos diálogos estabelecidos entre as academias brasileiras e francesas com a Escola de Chicago deve-se à sua atuação como docente e pesquisadora nesses dois países.

No antigo Iuperj, além de ministrar cursos e orientações de mestrados e doutorados, Licia idealizou e/ou participou de importantes projetos, como o Urbandata, o Global Urban Research Initiative (GURI) e o convênio Capes-Cofecub. Em fins da década de 1980, Licia do Prado Valladares fundou o Urbandata-Brasil, banco de dados que registra, sistematiza e difunde a

<sup>11</sup> Tal programa foi disponibilizado por Vânia Moraes, aluna desse curso e atualmente professora da Uerj. É possível encontrá-lo também nos arquivos do antigo Iuperj.

vastíssima produção bibliográfica sobre o urbano brasileiro. O *Urbadata* esteve por muitos anos no antigo Iuperj, sob coordenação de Licia do Prado Valladares e depois de Luiz Antonio Machado da Silva. Em 2013, o Centro de Pesquisa e Documentação de História (CPDOC) da FGV Rio passou a abrigar o banco de dados, sob a coordenação de Bianca Freire-Medeiros. Com a migração dela para o Departamento de Sociologia da USP, o *Urbadata* passou a fazer parte do Laboratório de Pesquisa Social (Laps) da USP. Dessa sistematização de trabalhos sobre o Brasil urbano, Licia organizou, em parceria com pesquisadores e colaboradores desse banco de dados, duas publicações que cumprem importante papel para todo interessado em temas urbanos no Brasil e nas favelas do Rio de Janeiro (VALLADARES, 1991, 2003).

O “Projeto GURI”, como Licia o chama, envolveu o Centre for Urban and Community Studies, da Universidade de Toronto, e foi financiado, inicialmente, pela Fundação Ford e depois pelo Banco Mundial. O projeto apresentava como objetivo geral reafirmar o valor e as possíveis contribuições das ciências sociais e da pesquisa urbana para os chamados “países em desenvolvimento”. Em seu apartamento em Paris, Licia nos apresenta dois livros resultantes desse projeto em que seu nome consta como organizadora e/ou autora (VALLADARES; COELHO, 1995a, 1995b).

Durante as décadas de 1980 e 1990, a pesquisadora viveu e atuou profissionalmente no Brasil, mais especificamente no antigo Iuperj. Nesse período, Licia teve dois filhos: Paulo e Leonardo Valladares Pacheco de Oliveira, a quem ela dedica seu último livro. Ao longo desse período no Brasil, Licia não perdeu, no entanto, o contato com pesquisadores franceses e seguiu publicando alguns artigos em revistas francesas (VALLADARES; ABREU, 1985; VALLADARES, 1987, 2000). Em 2001, Licia retornou para a França disposta a conseguir a sua *Habilitation à Diriger des Recherches* (HDR) pela *Université de Lyon* 2<sup>12</sup> e, logo a seguir, tornou-se professora da *Université des*

---

<sup>12</sup> O trabalho defendido por Licia nessa ocasião deu origem a uma das mais importantes referências para quem estuda favelas no Brasil: *A invenção da favela* (VALLADARES, 2005b). O livro foi traduzido para a língua francesa, com prefácio de Yves Grafmeyer: VALLADARES, Licia do Prado. *La favela d'un siècle à l'autre: mythes d'origine, discours scientifiques et représentations virtuelles*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2006.

Sciences et Technologies de Lille 1. O retorno de Licia à França é motivado por seu casamento com o sociólogo francês Edmond Préteceille. No apartamento do casal em Paris, a pesquisadora guarda, de forma bastante sistematizada, pastas com o conteúdo dos cursos que ministrou na universidade de Lille entre os anos de 2003 e 2013. Dentre os cursos ministrados por Licia do Prado Valladares, chamam atenção, pela quantidade, os de metodologia qualitativa e os de sociologia urbana.

Assim como nos cursos ministrados por Licia no antigo Iuperj, também nos cursos em Lille 1 a referência à chamada Escola de Chicago é marcante. No programa do curso “Sociologie de la Ville”, consta como objetivo do curso: “Se course, de caractère introductif, présentera las principales etapas de la pensée sociologique sur la ville en s'appuyant sur les approches théoriques et les analyses des principaux auteurs qui les on marquées”. O curso começa com Friedrich Engels e Karl Polanyi e, logo em seguida, passa à “La naissance de la sociologie urbaine: la première École de Chicago”. O texto de base dessa parte do curso é o livro *L'école de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*, organizado por Yves Grafmeyer e Isaac Joseph (1979). Já os livros de apoio são: *La tradition sociologique de Chicago (1892-1961)*, de Jean-Michel Chapoulie (2001), e *Explorer la ville*, de Ulf Hannerz (1983).

A inserção e o diálogo da pesquisadora na academia francesa pode ser notada a partir de capítulos de livros que escreveu a convite de seus pares no período em que foi professora de Lille 1 (VALLADARES, 2002a, 2002b, 2007, 2010a). Licia do Prado Valladares integrou e contribuiu também para a formação de uma importante rede de pesquisadores brasileiros e franceses, que se articularam em torno do chamado acordo Capes-Cofecub. Tal acordo inicialmente se estabeleceu entre pesquisadores do antigo Programa de Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF) e as áreas de sociologia do antigo Iuperj e o Centre de Sociologie Urbaine, do futuro Institut pour la Recherche, le Developpement Socio-Economique et la Communication (Iresco), unidade do Centre National de la Recherche Scientifique (CRNS), da Universidade de Paris X, Nanterre.

Quando por nós perguntada sobre o acordo Capes-Cofecub, Licia destaca a primeira vinda de Isaac Joseph ao Brasil e seu encontro com Roberto Kant de Lima, em 1988, como um importante marco inicial para o estabelecimento futuro deste convênio. A primeira visita de Isaac Joseph ao Brasil ocorreu por ocasião da conferência “Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios”, promovida pela Associação Internacional de Sociologia, Comitê nº 21 (Desenvolvimento Urbano e Regional), e acolhida pelo Iuperj. A participação de Isaac Joseph nesse evento deu-se no âmbito de uma mesa-redonda sobre violência urbana organizada por Licia Valladares, e da qual participou, entre outros, Roberto Kant de Lima, professor da UFF<sup>13</sup>. Tal encontro entre pesquisadores nacionais e estrangeiros teve desdobramentos, sendo o principal deles o acordo Capes-Cofecub<sup>14</sup>.

Segundo Mello *et al.* (2011, p. 3):

Sob a sugestão inicial de Roberto Kant de Lima, que via em Isaac Joseph um parceiro potencial, intelectualmente estimulante, e que também via numa cooperação internacional a possibilidade de consolidar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF (PPGA/ICHF-UFF), um acordo intitulado Espaço Público, Conflitos e Democracia numa Perspectiva Comparada foi estabelecido entre a Universidade de Paris X-Nanterre, a UFF e o Iuperj.

Em 1999, por ocasião do 23º Encontro Anual da Anpocs, Licia coordenou uma mesa redonda intitulada “A Escola de Chicago: Impactos de uma Tradição no Brasil e na França”. A mesa foi uma oportunidade para apresentar Isaac Joseph à comunidade nacional de cientistas sociais e reafirmar a importância de Chicago para pensar o espaço urbano e público também no Brasil. Nessa ocasião, Isaac Joseph apresentou sua leitura da contribuição de Chicago para

<sup>13</sup> Dois anos depois foi publicado por Licia Valladares e Edmond Préteceille um dossiê com alguns dos trabalhos apresentados nessa conferência (ver mais em Valladares, 1990). O trabalho de Isaac Joseph não foi publicado, ainda que esse encontro tenha sido fundamental para o desenvolvimento do acordo.

<sup>14</sup> Para mais sobre essa primeira visita de Isaac Joseph ao Brasil e as outras quatro seguintes, bem como sobre as relações de amizade e os vínculos institucionais estabelecidos entre alguns pesquisadores do acordo Capes-Cofecub, ver Mello *et al.*, 2011.

a pesquisa ao lado de Gilberto Velho, Juarez Brandão Lopes e Mario Eufrazio. Em 2005, Licia publicou um livro com o mesmo nome dessa mesa da Anpocs, onde, além de uma entrevista feita por ela e Roberto Kant de Lima com Isaac Joseph, a pesquisadora analisa os impactos da Escola de Chicago na academia francesa e brasileira (VALLADARES, 2005a).

Roberto Kant de Lima foi figura de grande centralidade no estabelecimento deste acordo, que incluiu outras importantes instituições e professores ligados a temáticas urbanas, como o antropólogo Marco Antônio da Silva Mello (UFF) e o sociólogo Michel Misse (UFRJ). Desta forma, através deste acordo, ocorreu um importante intercâmbio entre professores e alunos da França e do Brasil, resultando em um profícuo debate sobre pesquisas realizadas sobretudo em contextos urbanos. A referência à Escola de Chicago é notada nesse grupo, tanto pela ênfase temática como pela importância atribuída por todos os envolvidos aos dados empíricos e ao trabalho de campo.

Em 2010, Licia do Prado Valladares publicou um artigo no qual centra sua atenção em uma das mais importantes figuras da Escola de Chicago, Robert Ezra Park, e sua visita, em 1937, a Donald Pierson, na Bahia. Este artigo insere-se nas preocupações teóricas da autora sobre a recepção da Escola de Chicago no Brasil. O principal motivo dessa viagem de Park era supervisionar o trabalho de campo de Donald Pierson, seu aluno de PhD da Universidade de Chicago, que estava morando em Salvador para estudar relações raciais. A viagem de Park é pouco conhecida, e o artigo de Valladares (2010b) traz, portanto, contribuições para a história das ciências sociais no Brasil.

O interesse de Licia do Prado Valladares por Robert Ezra Park não se esgotou, no entanto, com a publicação deste artigo. Após a pesquisa de arquivo feita em 2008 no Special Collections Research Center da biblioteca da Universidade de Chicago, a pesquisadora trabalhou também em arquivos, em 2012, na Universidade de Fisk. Foi nessa universidade que Park trabalhou, após se aposentar pela Universidade de Chicago, a convite de um ex-aluno que lá se tornara chefe de departamento. Em Fisk, Licia encontrou um arquivo de Park no Archival and Manuscript Collections of the Fisk University, Franklin Library.

Nesta pesquisa de arquivo, dentre outras coisas, Licia encontrou cartas que Robert Park recebia de intelectuais brasileiros como Oliveira Viana e Gilberto Freyre. Recentemente, em 2017, Licia publicou um livro que reúne a história de vida de Park e o único texto seu sobre o Brasil, resultado de um estudo realizado na Bahia sobre relações raciais. O livro é a primeira publicação em português sobre Robert Park. Outros temas abordados nessa coletânea são a cidade como laboratório social e espaço para investigação do comportamento humano, a migração humana e o homem marginal (VALLADARES, 2017).

Além de Robert Park, dentre os interesses mais recentes de pesquisa de Licia do Prado Valladares está a questão da mobilidade social nas favelas, pensada por ela a partir dos “universitários da favela”. A pesquisadora publicou, em 2010, um artigo no qual chama a atenção para a mobilidade social presente nas transformações na estrutura da favela, por meio do caso de um novo grupo social constituído de graduandos e graduados de universidades (VALLADARES, 2010). Este novo tema de interesse de Licia parece ir ao encontro de sua polêmica proposta de que os pesquisadores urbanos deixem de estudar as favelas. Esse apontamento foi indicado por Licia ao final do livro *A invenção da favela* (2005). Na entrevista que fizemos com ela em sua casa, quando por nós perguntada sobre essa sua proposta, Licia responde:

Eu acho que tem que largar as favelas e pesquisar as novas favelas ou então olhar para os pobres e pesquisar onde eles moram. Os pobres que estão na rua ou os pobres que estão nas casas de cômodos aqui na Lapa, por exemplo. E olhar também a periferia, porque tem muito pouco trabalho sobre a periferia. Eu fico impressionada porque as pessoas só trabalham sobre as mesmas favelas, que são Rocinha, o Vidigal, o Cantagalo, a Babilônia, Vigário Geral, Acari e Maré. Não há quase nada sobre a Zona Oeste da cidade. Na pesquisa sobre os universitários, eu retomo a Rocinha, mas eu expandi para outras favelas. Os universitários da favela representam mobilidade social dentro das favelas porque os universitários são pessoas que, em relação aos pais, experimentaram mobilidade social. São filhos de carpinteiros, de empregadas domésticas, de eletricitistas, de lavadeiras. Hoje os filhos desses trabalham no comércio, são cabeleireiros. A nova geração está se fazendo diferente e alguns desses vão para a universidade.

Licia tem procurado ressaltar o fato de que os “universitários das favelas” revelam que uma “nova favela” está surgindo, mais heterogênea e diferenciada, reunindo uma população que não cabe mais na imagem tradicional do “favelado”. As favelas, sobretudo as da Zona Sul, não podem mais ser tratados como *locus* da pobreza na cidade. A pesquisadora sugere que é preciso descentrar o foco da análise das pesquisas urbanas das favelas da Zona Sul, expandindo em direção a áreas pouco estudadas, como a Zona Oeste da cidade.

Ao longo de sua trajetória, Licia do Prado Valladares orientou seis dissertações de mestrado no antigo Iuperj e sete teses de doutorado, duas em Lille 1 e cinco no Iuperj. Atualmente, Licia é professora emérita da Universidade de Lille 1 e pesquisadora visitante do Programa de Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Uerj, dividindo sua vida entre Paris e Rio de Janeiro. Foi em uma dessas vindas ao Rio de Janeiro, em abril de 2016, que tivemos o prazer de ouvir suas memórias sobre sua experiência de iniciação na pesquisa empírica na Rocinha em 1968.

## **A PALESTRA: “REPENSANDO MINHA EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, ROCINHA 1967-1968”**

Inspirada pelo antropólogo norte-americano Foote Whyte e pelas reflexões metodológicas feitas a posteriori e incorporadas ao longo de décadas como anexos metodológicos ao clássico *Sociedade de esquina*, Licia do Prado Valladares nos oferece, quase cinquenta anos depois do seu trabalho de campo na Rocinha, uma palestra repleta de importantes reflexões sobre os aspectos de sua biografia, o contexto de produção de sua pesquisa, a relação estabelecida com seus informantes e algumas “lições” de tal experiência.

Logo no início de sua apresentação, a pesquisadora destacou que:

Eu tinha uma grande curiosidade, sempre fui curiosa, desde os tempos da Bahia. Conhecer um mundo diferente daquele em que vivia era somente o que desejava. O Rio de Janeiro me parecia monótono. Só conhecia a PUC e o universo/mundo dos meus colegas. Minha cabeça

estava povoada dos mitos da favela: a favela seria uma forma de habitar diferente e única. Haveria grande solidariedade entre seus moradores. Não haveria conflitos entre seus habitantes. A favela seria uma massa homogênea. Era o lugar onde moravam todos os pobres da cidade! Era da favela que vinha o samba “de verdade”, a macumba. Eu era uma deslumbrada! Uma garota de classe média que idealizava a favela!

Licia passou a refletir então sobre como se deu a escolha pela favela da Rocinha para a realização da pesquisa sobre religião que havia sido convidada a realizar por Carlos Alberto de Medina. O ano era o de 1967 e as favelas eram um universo desconhecido na academia, havendo pouquíssimos pesquisadores que com elas trabalhavam. Soma-se a isso o fato de que não havia ainda ONGs e o governo não tinha agências e programas nas favelas, como tempos depois. Licia contou, então, que buscou uma favela onde teria uma porta de entrada e que fosse próxima do seu local de estudo, a PUC, e moradia, em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Licia descreveu algumas tentativas malsucedidas do processo de “negociação” de sua entrada em campo para iniciar a pesquisa sobre religião e favela. A partir dessas suas experiências, a pesquisadora destacou algumas importantes lições sobre as desafiadoras negociações necessárias à entrada em campo de todos aqueles que iniciam uma nova pesquisa. A primeira tentativa deu-se na extinta favela da Catacumba, na Lagoa Rodrigo de Freitas. O porteiro do prédio onde Licia morava com a mãe era pastor de uma igreja evangélica nessa favela, e ela achou que essa poderia ser uma opção de entrada para que não chegasse lá sozinha. Em suas palavras:

A experiência foi malograda, eu quase desisti de estudar a religião na favela. Eu escrevi em meu diário: Quando cheguei o culto já havia começado. Pessoas sentadas por todos os bancos mais voltados para o altar onde estava o pastor e um moço que cantava acompanhado de um violão [...] Após a canção do moço do violão, o pastor tomou a palavra dizendo que deveríamos rezar por um menino que aniversariava, um parente enfermo de um dos fiéis, e pela visitante, moradora do prédio do Bernardino. Nesse caso, eu . A todos os que mencionaram pediu que se levantassem para serem vistos. [...] Finalmente o

pastor da Catacumba tomou a palavra, lendo um trecho da bíblia e comentando-o. Depois pediu para aqueles que reconhecessem Jesus para levantar o braço. Chegou a vez dos novos do grupo: praticamente todos foram forçados a dizer que “reconheciam Jesus” e foram levados para o altar. E fui levada para o altar como a novíssima “convertida”. Depois uma mocinha veio me pedir meu nome e endereço e muitos vieram me cumprimentar e dar um aperto de mão à nova colega que reconheceu Jesus e o aceitara.

Licia narrou na palestra que, após essa experiência, o porteiro não quis mais saber dela e, dessa maneira, ela teve que desistir da Catacumba. Em meio à cerimônia religiosa, Licia não dissera ao pastor qual era o seu real interesse, e ele pensou que ela seria um bom caso de conversão, gerando toda aquela confusão no seu primeiro dia na favela. A pesquisadora destacou que nessa ocasião teve a sua primeira lição: o pesquisador deve sempre dizer quem é e aquilo que faz e busca no lugar em que está chegando.

A segunda tentativa de entrada em campo narrada por Licia foi na favela da Rocinha, pois sabia que ali havia pessoas que trabalhavam na PUC. Uma vez que era estudante desta instituição, pensou que tal fato pudesse legitimá-la no campo. Licia conhecia algumas assistentes sociais do curso de Serviço Social da PUC, e foi com elas à Rocinha, num carro da Secretaria de Serviço Social, inocentemente, sem saber o que elas fariam, na parte da favela chamada de Morro do Faz Depressa. Lá chegando, descobriu qual era o trabalho das assistentes sociais: marcar os barracos que deviam sair do morro pois estavam em área de risco. Como consequência dessa escolha, quando voltou sozinha à Rocinha, a jovem pesquisadora foi identificada como uma das assistentes sociais pelos moradores. Licia contou que dessa segunda tentativa ficou como lição: “diz-me com quem andas que te direi quem és”. Novamente, a pesquisadora alertou: “É preciso que o pesquisador diga a que veio; senão corre o risco de ser identificado com os outros membros do grupo, como eu fui”.

A terceira e última das negociações de entrada no campo descritas por Licia ocorreu também na Rocinha. Dessa vez, no entanto, após as fracassadas experiências anteriores, Licia resolveu chegar na favela de ônibus, “sem qualquer intermediação, com a cara e a coragem”. Em suas palavras:

Peguei o ônibus no final do Leblon, que tomou o caminho da av. Niemeyer e subi pela estrada da Gávea, indo até o ponto final, onde avistei uma capela. Para lá me dirigi e conheci dona Miquelina, a quem contei do meu interesse em pesquisar as favelas, que era estudante da PUC, e que trabalhava no Ceris devendo fazer uma pesquisa sobre favela e religião. Disse toda a verdade! Finalmente as portas se abriram para mim!

Em uma clara referência a Foote Whyte e seu *Sociedade de esquina*, Licia conta que dona Miquelina foi o seu “Doc”, intermediário necessário, isto é, aquele que a introduziu na Rocinha. Foi através de dona Miquelina que a pesquisadora conheceu a sua rede de interlocutores. Após três meses frequentando a Rocinha, a pesquisadora alugou uma casa onde viveu por nove meses. Licia conta que foi também dona Miquelina quem sugeriu que seria melhor para o desenvolvimento da pesquisa que ela se mudasse para a favela. A proposta de dona Miquelina foi prontamente acatada por Licia como um convite que seria fundamental ao andamento da sua pesquisa, uma vez que à noite ela nunca acompanhava as atividades da favela, voltando à casa de sua mãe para dormir. Em suas palavras: “Tinha vezes que eu não podia assistir às reuniões das associações que eram de noite. Os bailes e os concursos da Soreg [Sociedade Recreativa e Educacional da Gávea] eram de noite também... Aceitei a ideia, mas era preciso arrumar onde morar”.

Licia narrou, então, o que chamou “operação em busca de um quarto”. A pesquisadora teria que decidir entre morar num quarto com uma família ou morar sozinha. A opção de morar sozinha lhe pareceu mais acertada, pois pensava que “morando com uma família cairia necessariamente na teia de relações dela”. Esta “independência” era necessária, pois ela já conhecia muitas pessoas que não se frequentavam e que tinham atritos entre si.

Licia morou na Rocinha por exatos nove meses e ressaltou que:

Ao me mudar para lá, a pesquisa ganhou novas dimensões, porque as pessoas passaram a me ver de outra forma... Pensavam: “ah, ela não está brincando”... Minha casinha situava-se na Estrada da Gávea, perto da Soreg e do ponto final de ônibus. Eu era vizinha de dona

Maria Aparecida, diretora da escola da Soreg. A minha casa era de tijolo e tinha um quarto, uma cozinha e um banheiro. O aluguel era de 70 cruzeiros na época... Daria uns 400, 500 reais hoje em dia, e eu o pagava regularmente a um rapaz que havia se separado recentemente da sua esposa, o Arthur.

Em um tom saudoso, Licia se recordou que naquela época a Rocinha ainda “estava no segundo andar”, que havia muitas casas de madeira e se “andava pela favela sem problemas [...]. Não havia jovens armados como hoje em dia”. Ao longo do trabalho de campo na Rocinha, Licia acabou por se interessar por outras questões para além da religião, tema que inicialmente a levava até ali. Com o passar do tempo e sua inserção na vida cotidiana local, Licia se interessou pela estrutura da favela. Dedicada e atenta a tudo que acontecia com seus interlocutores durante o trabalho de campo, Licia centrou sua atenção também no processo de remoção de famílias que viu acontecer na favela. Era a época da construção do Túnel Dois Irmãos. A partir desse interesse despertado, Licia acabou acompanhando de perto esse processo, analisando as práticas informais que antecedem a remoção, descritas posteriormente em sua tese de doutoramento, que resultou no paradigmático livro *Passa-se uma casa*.

Logo no início de sua palestra, Licia destacou que aprendeu com Carlos Alberto de Medina que “pesquisa se aprende fazendo, acertando e errando, na base do ensaio e do erro”. Tal fato, no entanto, não impediu a pesquisadora de, a partir de sua experiência, formular algumas lições que podem servir para jovens pesquisadores que vivenciam pela primeira vez uma experiência de trabalho de campo. Após descrever alguns de seus erros e lembranças daquele tempo, Licia destacou algumas lições aprendidas ao longo desses nove meses em que morou na Rocinha realizando aquilo que definiu como “observação participante”. Em suas palavras:

- “Há que dizer expressamente o que se está fazendo ali. Não adianta tentar enganar. O pesquisador acaba sempre sendo descoberto. Há sempre suspeitas do tipo: ‘Quem é ele? O que está fazendo ali?’. O pesquisador é um estranho no ninho e sua presença tem que ser justificada.”

- “Há que ser convidada a ir até a casa de uma pessoa a primeira vez. Não se vai à casa de alguém sem ser convidado antes! Eu só bati na porta das casas após receber um convite. Fui à casa de dona Miquelina quando já a conhecia e somente quando ela me chamou!”
- “Há que anotar somente depois o que se vê e o que se ouve, para não ‘amedrontar’ as pessoas. Uma alternativa é fazer um diário de campo. Não adianta tomar notas ou fazer entrevistas na hora. Há que aprender a ouvir e memorizar. Pode-se entrevistar pessoas sem papel e caneta nas mãos. No meu diário de campo, que eu datilografava a cada dia, à noite, quando chegava em casa, registrava o que havia acontecido, os lugares onde havia estado e as conversas que havia tido. Eu escutava mais que perguntava. Com o passar do tempo não precisava mais perguntar às pessoas, porque elas instintivamente me relatavam os acontecimentos. Sabiam que eu era uma curiosa e vinham até minha casa e falavam, falavam...”
- “Entendi também que uma observação demanda tempo, um tempo longo: muitas vezes o pesquisador precisa de vários meses para ‘negociar’ sua entrada na área, como aconteceu comigo. Uma fase ‘exploratória’ é necessária a toda pesquisa de campo. Também o tempo é necessário para se obter a confiança das pessoas que podem mudar de opinião e expressá-las diferentemente, com o tempo, ao pesquisador.”
- “Há redes de relações preexistentes que marcam a hierarquia de poder e a estrutura social local. Muitas vezes, ou quase sempre, o pesquisador as desconhece. O pesquisador tem que estar atento, senão corre o risco de só transitar pela rede pela qual teve acesso ao local pesquisado.”
- “É difícil dar o trabalho de campo por encerrado. É difícil a saída. Há sempre coisas acontecendo que o pesquisador gostaria de registrar. Mas um dia as coisas têm que acabar, relatórios e teses têm que ser escritos e o pesquisador tem que partir.”

Após apresentar essas “lições”, Licia procurou ressaltar em sua palestra que, no final das contas, o que ficam são as relações de amizade desenvolvidas ao longo do trabalho de campo. A pesquisadora relata algumas relações de amizade estabelecidas no período da pesquisa cujos vínculos perduram até hoje. Ao encerrar a palestra, Licia trouxe uma interessante questão que perpassa a relação pesquisador-pesquisado, destacando que ao longo do trabalho de campo há algo que nunca se sabe: a imagem do pesquisador junto ao grupo pesquisado. Licia ressaltou que os passos do pesquisador são conhecidos e muitas vezes controlados por membros da população, chamando atenção ao fato de que o pesquisador está todo o tempo sendo observado, mesmo que muitas vezes não perceba.

Licia narrou uma situação por ela vivenciada muito interessante no que diz respeito à reflexão sobre a relação pesquisador-pesquisado. Foi apenas muitos anos após o final de seu trabalho de campo que ela soube da desconfiança que gerou na Rocinha no início de sua pesquisa. Nesse momento da palestra, Licia leu um trecho retirado do seu diário de campo no qual narra o dia em que conheceu Auri, uma de suas mais importantes interlocutoras e que, ao longo dos anos, tornou-se sua amiga. Após descrever o primeiro encontro e diálogo com Auri, Licia encerra a narrativa desse dia no seu diário de campo com a seguinte frase: “Eu e Auri nos despedimos ali no ponto de ônibus. Acho que a simpatia entre nós foi recíproca”.

Dito isso, Licia leu uma carta que Auri lhe confiou quase vinte anos depois sobre esse primeiro encontro entre as duas. A carta, intitulada por Auri de “Uma agente que era um drops”, tratava das primeiras impressões dela e de alguns outros moradores da Rocinha sobre Licia. Tais impressões em nada correspondiam à “simpatia recíproca” sobre a qual Licia escrevera em seu diário de campo.

A carta de Auri revela, de forma bem humorada e muita carinhosa, toda a curiosidade e, em algumas ocasiões, a profunda desconfiança que pairavam sobre a figura de Licia no momento inicial de seu trabalho de campo na Rocinha. Em plena ditadura militar, as especulações sobre Licia eram as mais variadas. A ideia mais comum, no entanto, era a de que ela pudesse ser uma agente do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) infiltrada na favela,

buscando espionar atividades suspeitas ou “subversivas”. Auri conta como aos poucos essa desconfiança em relação a Licia foi sendo desconstruída e como laços de confiança e amizade foram estabelecidos por ela com os moradores da Rocinha. Com o tempo, os moradores perceberam que a tal “agente era um drops”, e não do Dops.

Licia encerrou a palestra deixando mais quatro interessantes sugestões aos estudantes presentes. Em suas palavras:

1. “Deve-se escrever em linguagem simples e inteligível. Escrever é uma arte. Deve-se escrever e reescrever para treinar a ‘pluma’. Isto ficou claro para mim quando o Medina e eu tivemos que fazer o relatório de pesquisa.”
2. “O pesquisador é pesquisador o tempo todo. Não separa seu trabalho de sua vida. Mesmo quando não estava na favela pensava o tempo todo na Rocinha, conversava com meus amigos sobre minha vida na favela, sonhava com a Rocinha, via outras favelas e me perguntava se passariam pelos mesmos processos.”
3. “A teia (rede) de relações é importante. Não faz sentido pesquisar um indivíduo apenas. Ele se relaciona na vida real com outras pessoas. Aprendi isto na Rocinha.”
4. “A cozinha da pesquisa é importante. A micro-história tem suas razões de ser e explica muito das decisões que se toma”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É interessante destacar que as memórias e reflexões metodológicas apresentadas por Licia na palestra no PPGSP/Uenf são inéditas. Não há reflexões sobre seu trabalho de campo na Rocinha em 1968 publicadas em livros ou em formato de artigo. As problematizações sobre a chamada “experiência de observação participante” e seus desdobramentos na escrita etnográfica ganharam maior densidade no debate acadêmico após os anos 1980, com

a antropologia reflexiva norte-americana. A chamada geração pós-moderna norte-americana é representada por autores como Clifford (1983), Marcus e Fischer (1986) e Geertz (1988), que em um intenso processo de autocrítica deram início ao questionamento de variadas práticas então estabelecidas do fazer antropológico.

Tais autores formularam críticas aos textos clássicos, enfatizando questões como as condições de produção da pesquisa, o papel do autor e a ausência de reflexões sobre tais temas nesses textos. James Clifford (1983) ressaltou, por exemplo, como o estilo textual da etnografia clássica estabeleceu, entre outros pressupostos, o da autoridade do etnógrafo cuja presença aparece na introdução do livro para valorizar sua experiência pessoal de campo e a validade de seus dados, mas desaparece ao longo do texto para, através da impessoalidade do discurso indireto, legitimar as conclusões.

Logo no início da palestra no PPGSP/Uenf, Licia ressaltou que, em 1968, quando deu início ao seu trabalho de campo na Rocinha, apesar de estar bem orientada por Carlos Alberto de Medina, ainda não estava preparada para aquela experiência. Na primeira das quatro entrevistas realizadas em seu apartamento no Rio de Janeiro, nós perguntamos o que faltava para ela na ocasião e como deveria se dar essa preparação de um jovem pesquisador que iniciará sua primeira experiência de trabalho de campo. O debate de como se preparar ou mesmo se isso é possível é antigo, perpassando autores clássicos da antropologia como Malinowski e Evans-Pritchard. Licia destacou, no entanto, o impacto que a leitura de Foote Whyte teve em sua trajetória, demonstrando pesar pelo fato de que quando iniciou seu trabalho de campo ainda não havia lido *Sociedade de esquina*. Tal livro é definido por ela como “um clássico dos estudos urbanos, obrigatório em todo curso de métodos qualitativos e pesquisa social”.

Ao longo da palestra no PPGSP/Uenf e de todos os nossos encontros, a pesquisadora ressaltou a importância em sua formação da chamada Escola de Chicago e, em especial, de um de seus integrantes: o antropólogo norte-americano William Foote Whyte<sup>15</sup>. A incorporação de anexos ao clássico *Sociedade*

<sup>15</sup> Foote Whyte sempre fez questão de afirmar a independência da produção de *Sociedade de esquina* em relação à Escola de Chicago. O conjunto de trabalhos identificados com a chamada Escola de Chicago

*de esquina* é um excelente caso para se pensar como, a partir de 1980, com as mudanças nos padrões das críticas à pesquisa etnográfica, novas questões passaram a ser obrigatoriamente abordadas no texto etnográfico<sup>16</sup>.

Com o movimento mais generalizado da geração pós-moderna questionando às etnografias clássicas, tornou-se imperativo que os pesquisadores apresentassem uma discussão metodológica bastante elaborada sobre o contexto de realização de seu trabalho de campo e sobre a subjetividade que perpassa a relação pesquisador-pesquisado. Nesse sentido, o trabalho de Foote Whyte é de fundamental importância não apenas pelos anexos mais recentes, mas sobretudo pelo primeiro deles, publicado ainda em 1955.

Além desses anexos da década de 1990, frutos de críticas ligadas ao momento de autoanálise da antropologia, Foote Whyte já tinha publicado em 1955, de forma pioneira no campo dos estudos urbanos, grande parte do Anexo A, onde apresenta uma instigante discussão sobre o seu trabalho de campo. Nesse paradigmático Anexo A, Foote Whyte descreve motivações pessoais, impasses, gafes e outras situações por ele experienciadas ao longo do trabalho de campo. Nesse texto, o antropólogo ressalta a importância de o pesquisador narrar, através de uma explicação real, o processo através do qual o conhecimento foi produzido.

O reconhecimento da subjetividade que perpassa a observação participante pode ser considerado a contribuição do paradigma hermenêutico de maior relevância para a antropologia. A forma através da qual apreendemos os

---

é altamente heterogêneo, incluindo perspectivas e estilos muito diferenciados. Embora Foote Whyte apresente um estilo independente, o livro, de uma forma geral, apresenta as marcas de relações com alguns dos pesquisadores da Escola dos anos 1940, como Lloyd Warner e Everett Hughes. Para mais sobre a Escola de Chicago, ver Becker (1996) e Velho (2005).

<sup>16</sup> Meio século após a primeira publicação de 1943, *Sociedade de esquina* tornou-se de repente um novo centro de atenção acadêmica. Em uma publicação de 1991, quatro cientistas behavioristas discutem o livro e o trabalho de campo de Foote Whyte, que havia sido realizado entre 1936 e 1940, em Corneville, Eastern City – na realidade, o North End (Little Italy) de Boston, nos Estados Unidos. Foote Whyte foi acusado por um desses behavioristas, Boelen, de transgressões éticas envolvendo as relações dele com o bairro estudado e com Doc, seu principal interlocutor. *Sociedade de esquina* foi duramente apontada como um retrato distorcido do bairro, e seu autor questionado por não ter dado nenhuma forma de contrapartida para os seus interlocutores. Foote Whyte fez questão de responder e esclarecer sua posição e as circunstâncias da época, como se pode ver em “Corneville revisitado 50 anos depois”, no Anexo A. O antropólogo publicou também, como Anexo B, o texto de um de seus interlocutores sobre a relação estabelecida entre eles.

fenômenos sociais está orientada não apenas pelas opções teóricas do antropólogo, mas também pela personalidade e experiência biográfica. Em 1991, em “Corneville revisitado 50 anos depois”, refletindo sobre a parte inicial do Anexo A publicado ainda em 1955, Foote Whyte destaca que muitos trabalhos daquela época falharam por conferir pouca atenção ao processo real de pesquisa, situando a discussão apenas em um nível lógico-intelectual. O autor destaca que quando se realiza trabalho de campo e se vive por um período na comunidade que é objeto de estudo, sua vida pessoal está inextricavelmente associada à sua pesquisa. Dessa maneira, uma explicação real de como a pesquisa foi feita envolve um relato bastante pessoal de como o pesquisador viveu durante o tempo de realização do estudo. Foote Whyte destaca que, nesse período,

Parecia que o mundo acadêmico impusera uma conspiração do silêncio às experiências pessoais de pesquisadores de campo. Na maioria dos casos, os autores que deram alguma atenção a seus métodos de pesquisa tinham fornecido uma informação fragmentária, ou escrito o que parecia uma descrição de métodos que teriam usado se, quando entraram no campo, soubessem de antemão o que iriam produzir no final. Era impossível encontrar relatos realistas que revelassem erros, confusões e envolvimento pessoais pelos quais um pesquisador de campo deve necessariamente passar (FOOTE WHYTE, 2005, p. 350).

O anexo inicial de 1955 é paradigmático e, nas palavras de Licia, “um verdadeiro guia da observação participante em sociedades complexas”. Nesse contexto em que pouca atenção era dada ao processo real de pesquisa, Foote Whyte deixa com esse anexo uma contribuição no mínimo inovadora, por se tratar de um relato bastante pessoal sobre seu trabalho de campo, descrevendo erros, gafes e sensações por ele experienciadas.

A chamada “observação participante” supõe a experiência pessoal do pesquisador entre os membros do grupo estudado, isto é, a interação pesquisador/pesquisado. As informações que se obtém e constrói dependem, no final das contas, do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolve com o grupo pesquisado. O conhecimento produzido a partir do método da observação participante é, portanto, suscetível a humores, temperamentos,

preconceitos, euforias, paixões, medos e todos os outros elementos que perpassam qualquer tipo de interação social. Sem negar aquilo que Peirano (1995, p. 26) chama de a “dimensão existencial do encontro etnográfico”, mas buscando evitar também a “autoabsorção” em sua apresentação, Licia do Prado Valladares mostra que as informações que obteve e as respostas que foram dadas às suas indagações dependeram das relações que desenvolveu com o grupo estudado.

Quase cinquenta anos após sua experiência de pesquisa na Rocinha, foi sobre as relações com seus interlocutores, negociações, medos e dúvidas do trabalho de campo que Licia do Prado Valladares nos falou em sua apresentação no PPGSP/Uenf. A partir das memórias dessa experiência passada, Licia elaborou algumas “lições” e reflexões metodológicas que muito podem contribuir, no momento presente e futuro, para a formação de novos pesquisadores que pretendam se aventurar na experiência etnográfica.

## REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Nels. **Le hobo**: sociologie du sans-abri. Paris: Nathan, 1998.
2. BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.
3. CHAPOULIE, Jean-Michel. **La tradition sociologique de Chicago (1892-1961)**. Paris: Seuil, 2001.
4. CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. *In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
5. GRAFMAYER, Yves; JOSEPH, Isaac (org.). *L'école de Chicago: naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Éditions du Champ Urbain, 1979.
6. HANNERZ, Ulf. **Explorer la ville**. Paris: Éditions de Minuit, 1983.
7. MELLO, Marco Antônio da Silva *et al.* Isaac Joseph: diário de bordo, percursos, experiências urbanas e impressões de pesquisa. *In: CEFAÏ, Daniel et al.* (org.). **Arenas públicas**: por uma etnografia da vida associativa. Rio de Janeiro: EDUFF, 2011. p. 479-515.
8. MELLO, Marco Antônio da Silva *et al.* (org.). **Favelas cariocas**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

9. PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
10. VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa**: análise do programa de remoção de favelas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
11. VALLADARES, Licia do Prado. La recherche urbaine au Brésil: bref aperçu de son evolution. **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris, n. 1, p. 1-51, 1987.
12. VALLADARES, Licia do Prado. **Reestruturação urbana**: tendências e desafios. São Paulo: Nobel, 1990.
13. VALLADARES, Licia do Prado. Qu'est-ce qu'une favela? **Cahiers des Amériques Latines**, Paris, n. 34, p. 61-72, 2000.
14. VALLADARES, Licia do Prado. Favelas, mondialisation et fragmentation. *In*: Françoise Navez-Bouchanine (org.). **La fragmentation en question**: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale? Paris: L'Harmattan, 2002a. p. 209-221.
15. VALLADARES, Licia do Prado. Le langage de la coopération internationale: Peace Corps et ONGs dans les favelas à Rio de Janeiro. *In*: CEFAÏ, Daniel; JOSEPH, Isaac (org.). **L'héritage du pragmatisme**: conflits d'urbanité et épreuves de civisme. Paris: Editions de l'Aube, 2002b. p. 175-191.
16. VALLADARES, Licia do Prado (org.). **A Escola de Chicago**: impacto de uma tradição no Brasil e na França. Rio de Janeiro: Iuperj; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005a.
17. VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005b.
18. VALLADARES, Licia do Prado. **La favela d'un siècle à l'autre**: mythes d'origine, discours scientifiques et représentations virtuelles. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2006. v. 1.
19. VALLADARES, Licia do Prado. Les trois dogmes de la pensée savante sur la favela. *In*: AUTHIER, Jean-Yves; BACQUE, Marie-Helene; GUERIN-PACE, France (org.). **Le quartier**: enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales. Paris: La Découverte, 2007. v. 1. p. 52-64.
20. VALLADARES, Licia do Prado. 2010. Educação e mobilidade social nas favelas do Rio de Janeiro: o caso dos universitários (graduandos e graduados) das favelas. **Dilemas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5-6, p. 153-172, 2009.
21. VALLADARES, Licia do Prado. Favela. *In*: TOPALOV, Christian *et al.* (org.). **L'aventure des mots de la ville**: à travers le temps, les langues, les sociétés. Paris: Robert Laffont, 2010a. p. 469-475.

22. VALLADARES, Licia do Prado. A visita de Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, Salvador, v. 23, n. 58, p. 35-49, jan./abr. 2010b.
23. VALLADARES, Licia do Prado. **Licia do Prado Valladares**: depoimento [2013]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013. 37 p.
24. VALLADARES, Licia do Prado. **A sociologia urbana de Robert Park**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017.
25. VALLADARES, Licia do Prado; COELHO, Magda Prates (org.). **Governabilidade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995a.
26. VALLADARES, Licia do Prado; COELHO, Magda Prates. Urban research in Brazil and Venezuela: towards an agenda for the 1990's. *In*: STREN, Richard (org.). **Urban research in the developing world**. Toronto: University of Toronto Press, 1995b. v. 3. p. 45-142.
27. VALLADARES, Licia do Prado; MEDEIROS, Lidia. **Pensando as favelas do Rio de Janeiro, 1906-2000**: uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
28. VALLADARES, Licia do Prado; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. **1001 teses sobre o Brasil urbano**: catálogo bibliográfico (1940/1989). Rio de Janeiro: Iuperj; São Paulo: Anpur, 1991.
29. VALLADARES, Licia do Prado; SANTOS ABREU, Estela dos. Les couches moyennes, le pouvoir local et la ville: le cas de Rio de Janeiro. *Tiers Monde*, Paris, v. 26, n. 101, p. 143-153, 1985.
30. VELHO, Gilberto. O observador participante. WHYTE, William Foote. *In*: **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
31. WHYTE, William Foote. **Street corner society**: la structure sociale d'un quartier italo-américain. Paris: Éditions la Découverte, 1996.
32. WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.